

COMUNICAÇÃO

VOCABULÁRIO DE HISTÓRIA MEDIEVAL

Celso Taveira

No estágio atual de nossos trabalhos fizemos levantamentos de termos em três obras, selecionadas em função da importância que representaram e ainda representam para a historiografia do período: "O outono da Idade Média", de Johan Huizinga, publicado pela primeira vez em 1919 em holandês e em 1932 em francês; "Maomé e Carlos Magno" de Henri Pirenne, publicado por F. Vercauteren em 1937, a partir dos manuscritos deixados pelo autor em 1935, ano de sua morte; o primeiro tomo de "A sociedade feudal" de Marc Bloch, que tem por título "A formação dos laços de dependência", publicado em 1939 (o segundo tomo, "As classes e o governo dos homens", do qual fizemos levantamento apenas no primeiro capítulo, dedicado as origens e consolidação da nobreza como classe social, foi publicado em 1940).

Três momentos, portanto, na historiografia do século XX dedicada a Idade Média: uma análise psicológica no primeiro caso, uma tese inovadora no segundo, uma análise a mais completa possível da estrutura social, uma síntese ainda não igualada, que e como vem sendo considerado até hoje o livro de Marc Bloch¹.

Em 18 meses de pesquisa coletamos em Huizinga um total de 313 termos, em Pirenne 114 e finalmente 504 em Marc Bloch. É evidente que muitos deles se repetem nos três textos, sobretudo aqueles que se inserem no repertório básico, o que nos permite já neste momento tecermos algumas considerações reveladoras das dimensões de cada um dos livros consultados.

E sabido que a monumental análise de Huizinga se tomou o primeiro fundamento da história das mentalidades hoje tão cultivada na França e, por extensão, no Brasil. Passo gigantesco pela ampliação do âmbito da pesquisa (coletâneas de documentos e sobretudo um minucioso estudo dos cronistas da época) e pela importância atribuída a psicologia do cotidiano medieval, onde o autor utilizou recursos que viriam a ser igualmente utilizados por Marc Bloch, por exemplo, o recurso as fontes literárias e poéticas.

Ao traçar um vivo painel da vida no final da Idade Média no Norte da França e nos Países Baixos, o autor utilizou no título a palavra "outono": o outono da Idade Média. Em edições subsequentes, a palavra foi curiosamente substituída por "declínio", tal como na edição francesa de 1932 e nas edições posteriores em língua portuguesa. Foi somente na edição francesa de 1980 (Payot) que o título original foi restaurado. Cumpre-nos registrar, sobretudo a importância do caráter simbólico atribuído pelo historiador holandês a esta palavra, que designa a estação do ano em que a natureza perde energia e define. Assim, a civilização medieval dos séculos XIV e XV define e cede lugar a um outro tipo de civilização. Ora, e justamente este caráter simbólico que predomina ao longo dos 22 capítulos do texto

original (transformados em 23 nas Edições portuguesas que seguem a versão condensada inglesa & 1924). Neste sentido, ficamos desconcertados diante de nossa própria proposta de trabalho, em função da despreocupação do autor quanto ao teor técnico da terminologia utilizada, ligado que esta o pl^a do livro a exploração dos estados psicológicos. Assim, quando o autor afirma:

La distinction technique entre le saint et le bienheureux, l'organisation de la sainteie par la canonisation officielle, bien que d'un formalisme inquietant, n'étaient pourtant pas en opposition avec l'esprit du christianisme. L'Eglise restait consciente de l'egalite originelle de l'etat de saint et de celui de bienheureux, et de l'insuffisance de la canonisation².

A citação ilustra nossa dificuldade em dois aspectos: primeiramente chamamos atenção para esta "distinção técnica entre o santo e o bem-aventurado", onde o autor, embora preocupado com uma questão técnica, permanece num domínio vago de santidade institucionalizada e formal, mas carente de um desenvolvimento do conteúdo. Consideramos essencial em nosso Vocabulário o registro de um aspecto inesgotável da Cristandade medieval, qual seja, o culto dos santos e o reforço continuado do contingente dos mesmos, formando uma verdadeira legião beatificada. Ora, o texto não fornece subsídios para tal, embora nos aponte sua importância enquanto fenômeno social de primeira grandeza. Em segundo lugar, desta mesma citação poderíamos reter o termo "canonização", mas os dados são igualmente tênues.

Da mesma forma, no estudo da categoria social dos cavaleiros, encontramos uma expressão do tipo "ideal cavalheiresco":

Nous retrouvons l'ideal chevaleresque applique la guerre dans les combats singuliers, entre deux ou plusieurs adversaires³.

Ou ainda, num momento crucial, quando nos deparamos com a temível palavra "feudal";

Les trois grands ordres de Terre Sainte et les trois ordres espagnols, nés de la pénétration mutuelle de l'ideal monastique et de l'ideal féodal, avaient bientôt pris le caractère de grandes institutions politiques et économiques⁴.

É evidentemente difícil concebermos um verbete para "ideal feudal" ou "ideal monástico", mas eis que podemos identificar aí o lampejo de quem pensa a história. O ideal feudal confunde-se naturalmente com o ideal cavalheiresco e, em Marc Bloch, encontraremos justamente o caráter militar como fundamento das instituições feudais:

L'orgueil est un des ingrédients essentiels de toute conscience de classe. Celui des "nobles" de l'ère féodale *vat.*, avant tout, un orgueil guerrier⁵.

Portanto, podemos não abrir um verbete para instituições feudais vistas numa ótica literária e idealizada, mas certamente as considerações de Huizinga nos serão úteis na elaboração de um verbete destinado a nobreza medieval.

"Maomé e Carlos Magno", última obra de síntese de Henri Pirenne, também marcou época e suscitou debates em função da tese do autor acerca da expansão do Islã no século VIII como marco para o início dos tempos medievais⁶.

Debates hoje superados, com a rejeição generalizada da tese, contrabalançada pela ampla aceitação de um dado geográfico dos mais significativos: a gradativa transferência do eixo econômico do Sul para o Norte da Gália franca, num processo consumado na época carolíngia. Neste contexto, adquire grande importância para o historiador belga e para a historiografia posterior o termo "portus", marcando o novo caráter fluvial e continental assumido pelo comércio. Portanto, ao tratarmos do verbete "portus", estaremos nos referindo não apenas a uma nova configuração do espaço geográfico na Idade Média, que a distingue da Antiguidade, mas também a pólos de um futuro desenvolvimento econômico, quando os Normandos cessarem as agressões e iniciarem a prática do estabelecimento

definitivo no continente europeu.

Por outro lado, nada encontramos de interessante acerca do termo "feudo", que aparece num sentido generalizante do tipo:

En esas tierras del Norte, feudo de la ley Salica y la ley Ripuaria, las costumbre son mucho mas rudas que en el Sur. Incluso se encuetran alli paganos⁷.

Como vemos, o termo aparece inteiramente vazio de sentido, num contexto que implica essencialmente a rivalidade entre a realeza merovíngia neustriana e a dinastia pepínida austrasiana, ou então o conflito Romanismo-Germanismo implícito na oposição entre os francos merovíngios romanizados e os carolíngios austrasianos não romanizados.

A nosso ver o livro de Pirenne é um amalgame de inovações do ponto de vista de uma "história econômica e de conservadorismo do ponto de vista de uma história política. Abundam no texto expressões latinas próprias do império romano tardio, tais como: "judices provinciarum", "quaestor sacri palatii", "magister officiorum"⁸, resultantes sem dúvida do esforço do autor em demonstrar sua tese acerca da permanência da Romania até a época de Carlos Magno. Ora, neste sentido é o próprio termo "România" que pode nos interessar de perto, em função do significado a ele atribuído por Pirenne, indicando a permanência das estruturas antigas até o triunfo do germanismo vindo da Austrália a partir da segunda metade do século VIII.

"Maomé e Carlos Magno" de Pirenne, "A sociedade feudal" de Marc Bloch: ambos publicados no final da década de 30, e, no entanto, que salto representou o segundo. Com Marc Bloch, deparamos pela primeira vez com um manancial quase que inesgotável de material para nosso Vocabulário, doravante as voltas com reflexões até então inimaginadas no século XX.

"L'ampleur de la synthese, aujourd'hui encore irremplacee"⁹.

A comparação evidencia a transformação profunda nos métodos e nas vias abertas. Em Marc Bloch, temos o primeiro esforço de compreensão da sociedade feudal em suas mais variadas manifestações, um "questionário" (Robert Fossier) segundo expressão do próprio autor:

Un livre sur la societe feodale peut se definir comme un effort pour repondre a une question posee par son titre meme...¹⁰

Ao questionar o próprio título de seu livro (assim como outros historiadores o fizeram depois), o autor nos coloca ao mesmo tempo diante de seu método e diante de nossas dificuldades. O método:

...un livre d'histoire doit dormir faim¹¹. As dificuldades:

Ainsi la langue technique du droit elle-meme ne disposait que d'un vocabulaire a la fois trop archaïque et trop flottant pour lui permettre de serrer de pres la realite.

Quant au lexique des parlers usuels, ils avaient toute l'imprecision et l'instabilite d'une nomenclature purement orale et populaire. Or, en matiere d'insutations sociales, le desordre des mots entraine presque necessairement celui des choses¹².

Destes dois pianos da linguagem, o falado e o escrito, sabemos o quanto o primeiro é preponderante numa sociedade estruturada basicamente nos costumes. Assim, ao depender quase que exclusivamente da palavra escrita, o medievalista vê-se privado de qualquer testemunho localizado fora da esfera reduzida dos letrados. E no entanto, talvez muito mais importante para ele seja o depoimento vivo da palavra falada, ou seja, da palavra inexistente, do testemunho surdo das camadas inferiores da sociedade. E por isto que Marc Bloch na verdade analisa a aristocracia laica da época feudal e não a sociedade feudal em seu conjunto. Portanto, se é impossível trabalhar com a palavra inexistente, o historiador deve se contentar com a existente. Mas, ao sentir-se feliz por dispor pelo menos desta, ele não pode nunca perder de vista o fato de que esta pode preparar-lhe uma armadilha.

Por outro lado, embrenhando-nos nesta palavra disporível, acreditamos poder dispor de um poderoso instrumento crítico que nos permite, já neste momento, tecer algumas considerações próprias. O autor fornece dados abundantes para a elaboração de um verbete sobre a nobreza feudal ao longo de quase todo o livro. Se nos detivermos no capítulo primeiro do livro primeiro do II tomo (pp 395-407), encontraremos as seguintes afirmações:

Chez beaucoup de peuples germains, il avait existe certaines familles qualifiees, officiellement, de "nobles": en langue vulgaire "edeling", que les textes latins rendent par "nobiles" et qui, en franco-bourguignon, survecut sous la forme "edelenc" (...) leurs membres comme disent les documents anglo-saxons, etaient "nes plus chers" que les autrês hommes (p. 396)¹³.

Um pouco mais a frente, o autor assinala a presença do termo "nobilis", comportando seja a idéia de uma distinção de nascença, seja aquela de uma certa fortuna, seja ainda a simples possessão de um alódio, o que implicaria a ligação com pessoas mais humildes. Além disso, no processo generalizado de servilização, o próprio privilegio de ser livre pode ser associado ao conceito de "noblesse". Finalmente, na confusão amplamente disseminada na época, o termo acabou adquirindo um valor militar:

La synonymie, fugitivement entrevue, entre les mots de "nobles" et de "libres" ne devait laisser de traces durables que dans le vocabulaire d'une forme speciale de subordination la vassalite militaire". (p.400) (...) la petite eglise que les religieux de Saint Riquier, vers le milieu du IX siecle, re'servait aux devotions du personnel vassalique entretenu a la cour abbatiale, portait le nom de chapelle des nobles ("capella nobilium") (pp. 400-401)".

A partir do início do século XI, ao nos aproximarmos da segunda idade feudal do autor, encontramos uma afirmativa que a nosso ver contrasta inteiramente com o rigor das considerações precedentes¹⁵. Ao mencionar um tratado de paz datado de 1023, visando a proteção das "nobles femmes", o autor nos diz o seguinte (os grifos são nossos):

En un mot, si la noblesse, comme classe juridique, demeurait inconnue, il est, des ce moment, au prix d'une legere simplification de la terminologie, pleinement loisible de parler d'une classe sociale des nobles et, surtout peut-etre, d'un genre de vie noble. Car c'etait, principalement, par la nature des fortunes, l'exercice du commandement, les moeurs que cette collectivite se definissait (p.402)".

Fortuna, comando, maneiras; eis como a nobreza passa a se definir a partir do século XI, mas isto somente se toma possível a partir de uma "ligeira simplificação da terminologia". O que mais nos chama a atenção e este recurso escorregadio que a linguagem nos oferece, a expressão inicial do autor, "en un mot", que subitamente conduz o leitor a uma conclusão, que a nosso ver acaba por se constituir numa especie de afirmação aprioristica. Em suma, para compreendermos algo acerca da formação da nobreza feudal, devemos simplificar o conteúdo da palavra e aplica-la a um "genero devida nobre" já constitufdo no século XI, no momento em que comecemos a sair deste século X tão obscuro.

Este exemplo que retiramos no autor atende amplamente aos objetivos de nosso projeto e desta nossa comunicação. Podemos explicitar aí os três níveis nos quais concentraremos nossos esforços: definição análise de conteúdo e significado do mesmo para o autor considerado, o todo girando em torno da palavra, este documento arqueológico registrado nas fontes escritas e que se constitui na materia-prima do historiador.

Concluimos esta comunicação, registrando o fato de que, ao sairmos em busca das palavras que o historiador utiliza, estamos nos confrontando com o material maior da ciência historica. Diante

da palavra estamos diante do instrumento através do qual a realidade é apreendida. Ou, talvez mais precisamente, diante da palavra estamos diante da aparência externa da realidade histórica que nunca conseguimos perceber em sua totalidade. Pois, para conseguir esta façanha, necessitaríamos também do silêncio dos documentos.

NOTAS

* O presente trabalho conta com a participação dos estudantes José Fulgêncio P. C. da Silva, Francisco Eduardo Andrade, Jane Regina Ferreira e Ana Maria de Oliveira, bolsistas pela Coordenação de Projetos Acadêmicos da Diretoria de Ensino da Universidade Federal de Ouro Preto.

- 1- Utilizamos as seguintes edições; para o livro Huizinga. *L'Automne Age*. Paris, Payot, 1980; *O Declínio da Idade Média*. Lisboa, Ulisseia, s/d; *Idem*. São Paulo, Verbo/Edusp, 1978. Para Henri Pirenne. *Mahoma y Carlomagno*, Madrid., Alianza, 1985; *Maomé Carlos Magno*. Lisboa, Dom Quixote, 1970. Para Marc Bloch, *La société féodale*, Paris, Albin Michel, 1989 (coll. L'évolution de L'humanité); *La sociedad feudal*. México, Uteha, 1958 (col. La evolución de la humanidad, 2 vols); *A sociedade feudal*, Lisboa, Ed. 70, 1987, 2ª ed.
- 2- "A distinção técnica entre o santo e o bem-aventurado, a organização oficial, ainda que de um formalismo inquietante, não estavam no entanto em oposição ao espírito do cristianismo. A Igreja permanecia consciente da igualdade original do estado de santo e daquele de bem-aventurado, bem como da insuficiência da canonização". J. Huizinga, *L'Autome...*, cap. 12, p.172. As traduções são de nossa responsabilidade.
- 3- J. Huizinga, op. cit, cap.7, p.106, "Reencontramos o ideal cavaleiresco aplicado a guerra nos combates singulares, entre dois ou vários adversários".
- 4- J. Huizinga, op. cit., cap.6, p.87. "As três grandes ordens espanholas, nascidas da penetração mútua do ideal monástico e do ideal feudal, haviam logo assumido o caráter de grandes instituições políticas e econômicas".
- 5- Marc Bloch, *La société...*, t. II, cap.I, pp.406 e 407. "O orgulho é um dos ingredientes essenciais de toda consciência de classe. Aquele dos "nobres" da era feudal foi, antes de tudo, um orgulho guerreiro".
- 6- A questão foi inicialmente proposta no livro *As cidades na Idade Média*.
- 7- Henri Pirenne. *Mahoma y Carlomagno*. Madrid: Alianza, 1985, pp. 161 e 162.
- 8- *Idem*, p.42.
- 9- R. Fossier. Prefácio. in: Marc Bloch. *La société...* "A amplitude da síntese, até hoje insubstituível".
- 10- Marc Bloch, op. cit., Introdução, p.16. "Um livro sobre a sociedade feudal pode se definir como um esforço para responder a uma questão colocada por seu título".
- 11- *Idem*, p.17. O autor cita o jurista inglês Mailland "... um livro de história deve dar fome".
- 12- *Idem*, livro II, cap.2, p.123. "Assim a própria língua técnica do direito dispunha apenas de um vocabulário simultaneamente muito arcaico e muito flutuante que lhe permitisse aprender de perto a realidade. Quanto ao léxico dos falares usuais, eles possuíam toda a imprecisão e instabilidade de uma nomenclatura puramente oral e popular. Ora, em matéria de instituições sociais, a desordem das palavras arrasta quase necessariamente a desordem das coisas".
- 13- "Entre muitos povos germânicos, existiram certas famílias qualificadas oficialmente de "nobres": em língua vulgar "edeling", que os textos latinos expressam por "nobiles" e que sobreviveu em

franco-borgonhes sob a forma "edelenc" (...) seus membros, como dizem os documentos anglo saxões, eram "nascidos mais caros" que os outros homens".

- 14-"A sinommia, fugitivamente entrevista, entre as palavras "nobres" e "livres", não devia deixar traços duráveis a não ser no vocabulário de uma forma especial de subordinação: a vassalagem militar. (...) a pequena igreja que os religiosos de Saint Riquier, por volta de meados do século IX, reservavam as devoções do pessoal vassálico mantido na corte abacial, era chamada de capela dos nobres".
- 15-"Estamos nos atendo ao aspecto estritamente metodológico, conscientes de que, do ponto de vista histórico, as considerações do autor nesta seção vem sendo alvo de discordâncias. Ver o já citado prefácio de Robert Fossier a edição de 1989 do livro de Marc Bloch.
- 16-"Numa palavra, se a nobreza, enquanto classe jurídica, permanência desconhecida, torna-se plenamente lícito, a partir deste momento, ao preço de uma ligeira simplificação da terminologia, falar de uma classe social dos nobres, sobretudo talvez de um gênero de vida nobre. Pois era principalmente pela natureza das fortunas, o exercício do comando e pelos costumes que esta coletividade se definia".